

LEGUMINOSAS

ESCRITO POR:

HIVAN MARTINEZ

CAPÍTULO 05



CENA 1 - EMPRESA CAMPARINE/SALA DE DICÁRIO/INT./MANHÃ

Dicário está sozinho quando a secretária entra em sua sala.

SECRETÁRIA: Dicário, aqui estão os documentos da entrada da compra da empresa.

Dicário pega os documentos e a secretária deixa a sala.

Ao abrir o envelope, Dicário se depara com o nome do comprador.

Kuller Chaisner.

O coração de Dicário gela.

DICÁRIO: Pai...

Um misto de emoção tomou conta de Dicário naquele momento, ele não conseguia acreditar que seu pai biológico estava comprando a empresa Camparine. Num movimento rápido, Dicário leva a mão até o telefone, ele confere o número na agenda, pensa duas vezes antes de ligar e hesita.

CENA 2 – CASA DA FAMÍLIA DELBRAVO/SALA/INT./MEIO-DIA

Renata entra com uma expressão de cansada, ela percorre o cômodo, deixa sua bolsa em cima do sofá, segue para a cozinha, onde Polli já tinha preparado o almoço.

RENATA: Como você está?

POLLI: Bem.

Renata pega um prato e talheres e começa a se servir.

RENATA: Eu estou um pouco apressada, hoje está sendo bem corrido, estou deixando tudo preparado no repouso para a nossa viagem.

POLLI: Eu queria falar sobre isso contigo.

Polli permanece apenas encarando sua mãe, enquanto ela inicia seu almoço.

RENATA: Pode falar, eu estou ouvindo.

POLLI: O Thasio sugeriu que eu deveria levar alguém pra cuidar de mim.

RENATA: Ué, o Thasio não quer mais te ajudar?

POLLI: Não é isso, mas ele não é obrigado, mãe, queria que tu entendesse isso, ele me disse que está sobrecarregado, e eu o entendo.

RENATA: Ah, então deve ser aquela amiga dele, sim, lembrei agora, o Thasio foi no meu escritório.

POLLI: E então, o que decidiu?

RENATA: Olha Polli, eu não gosto da ideia de contratar outra pessoa pra te ajudar, tu é independente, eu queria que fosse assim, tu é uma mulher que já conquistou muitas coisas sozinhas, queria que tu e teu namorado aprendessem a se virar sozinhos juntos.

Renata solta um suspiro um pouco triste.

RENATA: Mas eu entendo que vocês são jovens, então por mim tudo bem, eu vou contratar essa mulher pra ajudá-los, mas apenas durante a viagem, será algo temporário, depois que voltarmos vocês vão ter que se comprometer e assumirem responsabilidades.

POLLI: Tá bom mãe, obrigada.

Rapidamente Renata termina seu almoço, ela levanta e beija a testa de Polli.

RENATA: Estava delicioso filha.

Renata sai deixando Polli sozinha e pensativa.

CENA 3 – HOSPITAL/QUARTO/INT./TARDE

Jamaica está deitada na cama, ela permanecia olhando fixamente para a janela por longos minutos, quando finalmente o médico entra.

MÉDICO: Boa tarde, como está se sentindo?

JAMAICA: Eu estou me sentindo bem.

MÉDICO: Teve sorte que não quebrou nenhum osso, mas...

Jamaica o encara, e percebe uma pequena expressão de dúvida no rosto do médico.

JAMAICA: Mas...

MÉDICO: No resultado de alguns exames seus de sangue teve uma pequena alteração, e acredito que seja melhor fazermos mais alguns exames para obter melhores resultados.

JAMAICA: O que eu tenho?

MÉDICO: Fique calma, após mais alguns exames teremos mais esclarecimentos.

Após fazer algumas anotações no prontuário de Jamaica, o médico deixa o quarto.

CENA 4 – PRESÍDIO/CELA DE ANGÉLICA/INT./TARDE

Há toda uma movimentação dentro da cadeia, algumas mulheres gritam, e outras aplaudem enquanto duas policiais conduzem uma detenta até a cela. Ainda no corredor retiram as algemas dela, em seguida abrem a cela e a trancam lá dentro junto com Angélica.

A cena é parcialmente escura, apenas uma pequena abertura bem no alto permitia a entrada do sol, muitas vezes Angélica pulava até o alto, segurava-se nas grades e com um pouco de esforço ela subia e podia ver o céu. Era uma das poucas vezes que ela não sentia-se tão sozinha. Aquela era uma cela especial, todos sabiam que ricos tem suas mordomias, e Angélica não era diferente, ela tinha uma cela onde ficava sozinha, até aquele momento pelo menos.

Angélica era formada em administração, um diploma também dá acesso a algumas regalias na prisão, e por um momento Angélica conseguia respirar aliviada e por vezes lembrava com carinho quando apresentou seu TCC, um trabalho que ela levou dois semestres inteiros elaborando, e agora pra ela tinha valido a pena. Não era porque Angélica não queria se misturar com as outras detentas, mas em seu interior ela acreditava que seria mais fácil vencer tudo aquilo sozinha, do que mal acompanhada.

Durante toda a vida, Angélica assim como muitas outras pessoas, ouviram histórias sobre a cadeia, de como aquele lugar era o inferno, e ninguém nunca espera um dia ser preso, mas quando Angélica sentiu as algemas prender seus pulsos pela primeira vez foi como seu mundo tivesse desabado por completo. Seu namorado havia traído ela, por algum motivo que ela não conseguia compreender, em seguida ele estava morto e ela era a acusada, a principal suspeita. Depois disso, foi a vez de seus pais morrerem, Angélica nunca pensou que estaria um dia na cadeia, e se chegou a pensar, seria a pior coisa que poderia acontecer a ela, mas agora, atrás das grades, ela tinha certeza de que a prisão não era nada comparada a dor que ela sentia todo dia, era como se alguém estivesse a torturando com um boneco de voodoo, enfiando uma estaca em seu coração, diariamente, a dor não cessava, mas ela não chorava mais, era difícil, as coisas mais singelas e natural do seu próprio ser acabavam se tornando um tormento, como respirar, chorar, dormir, acordar, era tudo o que lhe restou naquele lugar.

E quando ela ouviu aplausos naquela tarde, era como se ela estivesse em um desfile de moda, foi o mais perto do que ela conseguia lembrar do desfile da Louis Vuitton que ela compareceu em Paris no ano anterior.

Ela conseguiu recordar do sorriso animado de sua mãe, Brunela, que a acompanhou naquela viagem, ela ouviu os aplausos e ainda sentada na cama ela pôde fechar os olhos e tentar imaginar-se de frente para a passarela, foi quando tudo cessou e a cela abriu, uma mulher entrou.

Angélica abriu os olhos e deparou-se com uma mulher que não aparentava ter mais do que 30 anos, ela estava com o uniforme de presidiária, e então Angélica percebeu naquele momento que estava recebendo uma colega de cela.

ANGÉLICA: Boa tarde.

Angélica pensou que conseguiria ser gentil e sorrir, mas por mais que seu corpo inteiro tentasse e se esforçasse, nenhuma expressão surgiu em seu rosto.

JOSIVALDA: Oi, sou Josivalda, pode me chamar de Josi, alguém me amaldiçoou assim que eu nasci.

ANGÉLICA: Sou Angélica.

Josivalda estendeu a mão para Angélica.

Após um breve aperto suave de mãos, Angélica voltou a sentar na cama. O medo de estar diante de uma estranha passava assim como os segundos se estendiam em horas.

Angélica não queria perguntar o que Josivalda fez para estar ali, afinal se ela dissesse que era inocente, Angélica iria acreditar, afinal ela era inocente também, mas não tinha certeza de que Josivalda iria acreditar.

Já Josivalda, pensava na mesma coisa, talvez com nuances de puxar algum assunto, ela não sabia quantos anos elas teriam que conviver juntas.

Mas não disseram nada, apenas contemplaram o silêncio constrangedor.

CENA 5 – MANSÃO CAMPARINE/SALA/INT./TARDE

Alita está sentada no sofá, ela verifica o relógio algumas vezes, é possível perceber que ela está esperando por alguém e está com pouca paciência. Dicário entra em cena.

ALITA: Finalmente, eu estava te esperando já faz 10 minutos.

DICÁRIO: Queira me desculpar, tu sabe como é o trânsito.

ALITA: Não, eu não sei.

Ela permanece o encarando com uma expressão impaciente, Dicário novamente desconfia, Alita nunca foi impaciente, pelo contrário, sua irmã sempre foi calma e compreensiva.

Ele recordou de um dia em que estavam indo para a faculdade, quando o pneu do carro furou no meio do caminho, o motorista desceu para arrumar, estava chovendo muito, e mesmo assim Dicário ficou na chuva para ajudar, e Alita também. No fim das contas eles estavam ensopados e decidiram voltar para casa. Dicário recordou do lindo sorriso, aquela repentina lembrança fez ele perceber que há dias ela não sorria, podia sim ser algo a ver com a terrível tragédia, mas aquele comportamento dela já estava mudando fazia alguns dias.

Alita se aconchegou no sofá repousando as pernas sobre a mesinha de centro.

ALITA: Então, porque me convocou aqui?

Dicário analisa com reprovação a cena, Alita estava totalmente relaxada em sua posição, mas com os pés sobre a mesinha que Brunela insistia que ninguém colocasse com os calçados sujos, mesmo com tamanho desconforto ao ver aquilo, Dicário decidiu seguir com o assunto.

DICÁRIO: Eu fiquei a frente da venda da empresa, estou certo de que temos outras alternativas.

ALITA: Que outras alternativas?

Nesse momento a empregada surge com uma bandeja onde carregava dois copos de suco de laranja.

EMPREGADA: Eu trouxe suco para vocês.

ALITA: Laranja?

EMPREGADA: Sim senhora.

ALITA: Ai eu agradeço, mas eu não gosto de laranja.

Dicário olha surpreso para Alita.

DICÁRIO: Desde quando tu não gosta de laranja? Tu sempre gostou.

ALITA: Ah, a gente muda de opinião, não sou obrigada a gostar de algo sempre, né.

DICÁRIO: Pode deixar aí, obrigado.

A empregada deixa a bandeja sobre a mesa ao lado dos pés de Alita e sai em seguida.

DICÁRIO: Faz um favor de tirar os pés daí?

Alita fica em pé encarando Dicário.

ALITA: O que tu sugere sobre a empresa?

DICÁRIO: Precisamos de alguns meses.

ALITA: O que?

DICÁRIO: Eu vou assumir de agora em diante, eu me preparei a vida inteira e mesmo não estando pronto emocionalmente, é a decisão certa a fazer.

ALITA: Dicário, realmente tu acha que me conhece, eu tomei uma decisão e ela vai ser respeitada, eu vou levar esse caso aos tribunais.

DICÁRIO: Faça o que quiser, mas fique ciente que um julgamento pode durar anos, não vai ser a melhor alternativa pra você.

Dicário também se levanta e sai de cena.

Alita permanece caminhando de um lado para o outro, ela pega o copo de suco e joga na parede.

ALITA: Desgraçado!

Nervosa, Alita pega seu celular, ela digita alguns números e alguém do outro lado atende.

ALITA (CEL.): Alô... – Ela aguarda a pessoa falar do outro lado. – É eu já falei com ele, parece que ele não vai facilitar a venda da empresa. – Ela silencia esperando alguém do outro lado dizer mais alguma coisa. – Que inferno, o que eu faço? Esse maldito Dicário está interrompendo meus planos.

A cena vai se afastando e mostra Dicário ouvindo Alita falando pelo celular, ele vira as costas e segue para seu quarto.

CENA 6 – REPOUSO DELBRAVO/QUARTO/INT./TARDE

A porta abre-se revelando Lunara, ela caminha e senta ao lado da cama de Vicente, ele encara tudo com atenção e silêncio. Lunara começa a chorar.

Como de costume, Lunara sempre ia até o quarto do filho e contava tudo o que estava acontecendo em sua vida. Tornou-se uma rotina, Vicente sabia tudo o que estava acontecendo, afinal Lunara não poupava dos detalhes, aquela ligação de mãe e filho foi construída meses após meses, ela contava a ele suas frustrações, e ele a ouvia.

LUNARA: Vicente finalmente eu tomei a decisão de deixar seu pai.

Ela começa a chorar.

LUNARA: O Aderbal é um monstro, quando eu descobri que ele te jogou num lixão eu fui incapaz de perdoá-lo, eu não sei como vivi ao lado dele por tanto tempo. – Lunara limpa suas lágrimas. – Agora eu estou morando com Jocastro, estou me adaptando com a nova casa, com a nova rotina, o pior disso tudo é que a Jamaica foi embora, eu não podia fazer nada, eu acho que ela me odeia, e eu não a culpo, eu fui uma péssima mãe, pra ela e pra ti.

Ela acaricia o rosto desfigurado de Vicente.

LUNARA: Eu quero muito meu filho, um dia poder te tirar daqui, te levar pra casa, eu não sei...

Ela chora alto, de soluçar, enquanto Vicente, emocionado, também chora.

Mesmo com o corpo todo torcido, Vicente se esforça e consegue pegar não mão de sua mãe, ele segura forte. Os dois se encaram, o coração de Lunara naquele momento encheu-se de uma emoção desconhecida, era algo tão reconfortante estar diante de seu filho.

LUNARA: Eu não posso perder meus únicos filhos, eu preciso saber Vicente, tu me perdoa? Me perdoa por ter te causado isso? Me perdoa por tudo de ruim que eu fiz, por eu ter sido uma péssima mãe esses anos todos, me perdoa eu te imploro.

Com os olhos cheios de lágrimas, Vicente faz um movimento com a cabeça, um movimento afirmativo.

Ele havia perdoado sua mãe.

CENA 7 – CASA DELBRAVO/SALA/INT./TARDE

As malas estavam prontas para a viagem, Thasio acabava de beijar Polli.

POLLI: Meu amor, eu falei com minha mãe.

THASIO: E o que ela disse?

POLLI: Ela vai contratar sua amiga, mas será apenas durante a viagem, depois a gente resolve como vai ser.

Thasio abraça Polli animado.

THASIO: Meu amor, eu nem sei como te agradecer.

POLLI: Não precisa me agradecer.

Ela sorri.

THASIO: Eu vou avisar a Sasha, e até as oito da noite estaremos aqui.

POLLI: Tá bom.

Thasio e Polli se beijam e ele sai.

CENA 8 – HOSPITAL/QUARTO/INT./TARDE

O médico entrou para o alívio de Jamaica que não agüentava mais ficar sozinha, por horas ela ficou pensando em sua mãe, e como gostaria que Lunara estivesse ali de seu lado.

MÉDICO: Jamaica, eu tenho os resultados de seus exames e eles não são muito animadores.

JAMAICA: Pode falar doutor, eu estou preparada.

MÉDICO: Jamaica, você tem um tumor na cabeça, ainda não sabemos se é benigno ou maligno, precisamos fazer uma biopsia pra obter mais respostas.

JAMAICA: O que? Isso não pode estar acontecendo comigo.

Jamaica leva as mãos na cabeça, e num salto ela levanta da cama, o médico tenta acalmá-la, ela caminha até a janela, enquanto ele a segura pelo braço para que ela não caia.

Jamaica começa a rir em meio a lágrimas, era algo estranho, ela contemplava a ironia do destino e ao mesmo tempo lamentava a má sorte que teve na vida.

JAMAICA: Eu tentei me matar. – Disse em meio a lágrimas. – E eu sobrevivi, eu sobrevivi pra acordar nessa realidade insuportável. – Uma respiração profunda. – Eu não suporto isso, eu não aceito que isso possa estar acontecendo comigo.

MÉDICO: Mantenha a calma Jamaica, isso pode ser algo tratável, pode ser feito uma cirurgia, vamos realizar todos os procedimentos possíveis, não podemos tirar conclusões precipitadas,

JAMAICA: Apenas me deixe sozinha.

MÉDICO: Esse é um bom momento para falar com a família, amigos, quer que eu ligue para alguém?

JAMAICA: Apenas me deixe sozinha.

MÉDICO: Tudo bem, qualquer coisa é só me chamar, vou deixar tu descansar e amanhã faremos novos exames.

O médico deixa o quarto e Jamaica continua olhando a janela, ela tentou se matar, agora estava viva, e recebia de alguma forma a condenação divina por seus atos. A morte.

JAMAICA: Isso não é justo meu Deus.

Ela repousou a mão sobre a janela fazendo alguns desenhos, enquanto chorava ela falava baixinho com Deus, como se ele pudesse ouvi-la.

CENA 9 – CASA DE ADERBAL/SALA/INT./TARDE

Sozinho, Aderbal contemplava a própria fossa, com um litro de bebida em mãos ele bebia sem parar.

Ele tentou levantar, mas acabou caindo, ainda se arrastando ele vai até a estante e joga as fotos de Lunara e Jamaica no chão.

ADERBAL: Ingratas! Vão voltar rastejando pra cá.

Ele continua destruindo tudo o que lembra sua família que não existia mais.

CENA 10 – CASA DE THASIO/SALA/INT./TARDE

Thasio carregava uma mala, e Sasha também, ela comemora.

SASHA: Eu nem acredito que deu tudo certo, eu sempre quis conhecer o Rio.

THASIO: Eu não acredito que tu nunca foi pro Rio.

SASHA: Não costumo sair de São Paulo, minha família é toda daqui.

THASIO: Me conta um pouco sobre sua família.

Sasha fica um pouco nervosa e muda de assunto rapidamente.

SASHA: Ah eles são uns chatos, não quero falar sobre isso agora, só quero falar o quanto tu está lindo.

Ela o beija, em seguida os dois se jogam no sofá em carícias quentes.

CENA 11 – ANOITECE

Cenas da cidade.

CENA 12 – MANSÃO CAMPARINE/ESCRITÓRIO/INT./NOITE

Dicário terminava de ler um relatório quando Clara adentra na sala.

CLARA: Com licença.

DICÁRIO: Fique a vontade.

CLARA: Eu sei que parece muito cedo, mas tenho algumas informações.

Dicário fica curioso com a visita repentina de Clara.

DICÁRIO: Pode falar, por favor.

CLARA: Eu descobri o endereço da mãe biológica da Alita.

Dicário fica surpreso e permanece encarando Clara que parece triunfante com a informação.

CENA 13 – CASA DELBRAVO/SALA/INT./NOITE

Na sala está Renata e Polli, elas aguardavam a chegada de Sasha e Thasio, quando a porta finalmente abre revelando os dois.

RENATA: Estão atrasados.

THASIO: Me desculpe Renata.

SASHA: É que a gente acabou se desencontrando.

Sasha fala com uma expressão debochada enquanto arruma o cabelo.

RENATA: Sem problemas, estão todos prontos, então vamos seguir viagem.

Polli segue sem dizer nenhuma palavra, ela não gostava da ideia de Sasha ir junto, mas não parecia ter outra alternativa.

CENA 14 – MANSÃO CHAISNER/SALA/INT./NOITE

A cena inicia-se revelando uma enorme sala toda feita de mármore, tudo sofisticado, o sofá que cruzava o cômodo, e no centro a pele de um urso autêntico. Sons de salto ecoavam o lugar, dando a entrada a Alita, ela está linda usando um vestido preto, em uma de suas mãos ela carrega uma taça de champanhe, ela caminha até um homem que está sentado no sofá, quando ele a vê se levanta para recebê-la.

Kuller Chaisner aparenta ter pouco mais de 50 anos, é um homem rico e elegante, ele está usando um terno cinza, ele se aproxima de Alita e beija sua mão.

KULLER: Que honra recebê-la em minha casa.

A cena congela no sorriso de Alita ao cumprimentar aquele homem.

CONTINUA...